

“ANOTAÇÕES SOBRE UMA JORNADA PARENTÉTICA” OU “MOI, JE NE SUI PAS GUERRERISTE”

ANA PAULA PAES DE PAULA

(UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG)

Recentemente, o professor Ariston Azevedo apresentou-me alguns escritos inéditos de Alberto Guerreiro Ramos traduzidos por ele e pelo professor Francisco Gabriel Heidemann, que datam do final da década 1960 e início da década de 1970. Os textos tratam de temas como fenomenologia e “abordagem parentética”, e estavam acrescidos do “Esboço do livro *O homem parentético (II)*”, que foi elaborado por Guerreiro em abril de 1973 e anexado a uma carta endereçada ao filósofo Eric Voegelin.

Recebi o material com entusiasmo, uma vez que há alguns meses declinei o convite para escrever um novo artigo sobre Guerreiro Ramos, consciente de que não havia no momento muito a acrescentar às discussões que empreendi nos últimos anos. Diante desses novos textos e do pedido do professor Ariston Azevedo para escrever algo sobre eles, reconsiderarei a possibilidade de mais uma vez abordar o pensamento de Guerreiro Ramos. Dessa forma, eu li o material e realizei o que considero uma “jornada parentética”, que gerou essas breves anotações sobre os textos, bem como sobre meus próprios trabalhos e posicionamentos.

O primeiro texto, intitulado “Viagem Parentética I – Fenomenologia e Ciência Social” (2020a [1969]), começou com a seguinte provocação de Guerreiro Ramos: “Não sou fenomenologista. Se fosse, talvez devesse mais apropriadamente estar associado a um departamento de filosofia. Na

verdade, suspeito que qualquer um familiarizado com o assunto dificilmente ousaria aceitar o título de fenomenologista” (Ramos, 2020a, p. 13).

Em seguida, ele também indagou se o próprio Husserl não reagiria às interpretações errôneas que se fazem do seu pensamento com uma provocação do mesmo quilate: “*moi, je sui pas phenomenologist*” (Ramos, 2020a, p. 14).

Depois, ele apontou os seguintes enunciados para caracterizar a fenomenologia:

Enunciado n.º. I: A fenomenologia nos permite estarmos criticamente conscientes dos pressupostos da vida cotidiana.

Enunciado n.º. II: A fenomenologia faculta o cientista social a entender que a realidade é sempre percebida a partir de uma perspectiva.

Enunciado n.º. III: A fenomenologia permite que o cientista social possa distinguir os múltiplos níveis da realidade e, assim, superar as falácias reducionistas. (Ramos, 2020a, p. 15)

Guerreiro observou que Husserl teria distinguido a “atitude natural” da “atitude crítica”, que “suspende ou coloca entre parênteses a crença no mundo comum” e nos permite “atingir o nível do pensamento conceitual e de ter a experiência da liberdade”, ou seja, a fenomenologia, enquanto “arte da consciência”, seria a base de uma “atitude crítica” que nos possibilita analisar científica e filosoficamente o mundo e nos emancipar (Ramos, 2020a, p. 15). Essa atitude sustenta tanto a “*epoché* fenomenológica” de Husserl quanto a “redução sociológica” e a “atitude parentética” de Guerreiro Ramos, conceituadas por ele quando de sua transposição da filosofia husserliana para a sociologia crítica que buscou delinear na década de 1950.

Guerreiro Ramos prosseguiu afirmando que *A imaginação sociológica* de C. W. Mills (1959) “transpira fenomenologia em cada uma das suas páginas”, apesar de não fazer uma única referência a ela, e elenca em seguida uma série de cientistas sociais que fazem da fenomenologia um recurso, incluindo Peter Berger, Harold Garfinkel, A. Cicourel, entre outros (Ramos, 2020a, p. 20).

O que significaria então essa provocação de Guerreiro Ramos, que nega ser um “fenomenologista” e que o próprio Husserl o seja, para em seguida realizar um grande elogio à fenomenologia e apontar suas influên-

cias inegáveis no seu próprio trabalho e de vários sociólogos estadunidenses de relevo? Ora, não interpreto isso como uma negação da fenomenologia, mas como um excesso de modéstia por parte de Guerreiro Ramos, que reconhece sua condição de sociólogo e não de filósofo, fonte primeira da fenomenologia. Além disso, Guerreiro Ramos tinha uma extrema consciência de que recorrer a rótulos para categorizar pensadores é uma forma de induzir a erros de interpretação, uma vez que uma moldura rígida costuma ser um caminho para pactuar com as falácias das quais se busca justamente afastar-se por meio da atitude fenomenológica.

Em outras palavras, Guerreiro Ramos, antes de tudo, busca apontar que mais importante do que ser reconhecido como “fenomenologista” é praticar a fenomenologia e pactuar com uma “atitude crítica”, como inclusive Mills faz em *A imaginação sociológica* sem nunca se referir à fenomenologia. Trata-se de um recado importante para os pesquisadores do campo dos Estudos Organizacionais nos tempos atuais, pois nele ainda persiste a controvérsia em torno da apropriação e atribuição de rótulos sobre o que é “ser crítico” ou “deixar de ser crítico”, com tentativas de hegemonização de determinados conceitos e autores em detrimento de outros, como se fosse mais importante nomear quem é crítico do que praticar a crítica e buscar posições emancipadas. Mais uma vez posso afirmar, conforme realizei em outras ocasiões, que a crítica pode seguir muitos caminhos (Paes de Paula, 2009), indiferentemente se faz referência a autores da Escola de Frankfurt, a Marx, a Foucault ou a outros. Por mais que eu venha enfatizando há duas décadas que Maurício Tragtenberg e Guerreiro Ramos floresceram na crítica por suas incontestáveis heterodoxias, o que inclusive me inspirou na criação do “círculo das matrizes epistêmicas” (Paes de Paula, 2015), muitos ainda insistem em defender posições ortodoxas e um certo “purismo paradigmático”.

No texto intitulado “Viagem Parentética II – O homem inventa a si próprio ou Rumo a uma Teoria do Encontro Parentético” (2020b [1969/1970]), Guerreiro Ramos retomou aquele Enunciado II para esclarecer o que denomina por “encontro parentético”. Segundo ele, o “encontro parentético” deriva do “perspectivismo fenomenológico”, que, por sua vez, se opõe ao positivismo, que é uma “forma extrema de subjetivismo”, pois “distorce a realidade para ajustá-la aos seus instrumentos precários e a abordagens técnicas” (2020b, p. 28). Com essa colocação, Guerreiro Ramos se aproxima de Adorno (1996 [1974]), que possui opinião muito

parecida sobre o positivismo, já que, para ele, ao tentar ser “objetivo”, o positivismo cede ao subjetivismo, o que faz da dialética, na sua condição de crítica, uma forma muito mais objetiva de abordar os fenômenos, uma vez que mostra a realidade como ela é, com todas suas contradições. No caso da fenomenologia ocorre algo muito similar, pois seu “perspectivismo” mostra que há vários tipos de objetividade, de modo que a atitude fenomenológica não deveria ser negligenciada pelos sociólogos. Ao fazer esse paralelo entre Guerreiro Ramos e Adorno, evidencio que tanto a dialética quanto a atitude fenomenológica são atitudes críticas – a primeira fazendo recurso às contradições e, a segunda, às perspectivas –, ainda que elas derivem de posições teóricas e epistêmicas diferentes.

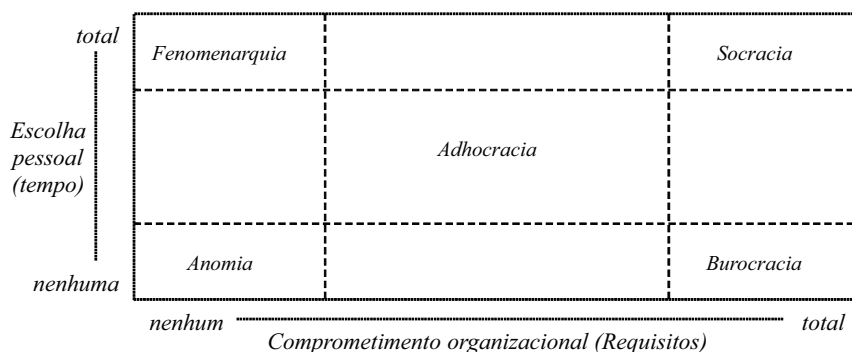
Guerreiro Ramos (2020b, p. 33) define o “encontro parentético” como aquele tipo de encontro “em que os seus participantes tentam se relacionar um com o outro, levando em conta seus pontos de vista explícitos e encobertos, e assim pondo em suspensão todo e qualquer julgamento normativo sobre esses pontos de vista”. Ele seria, então, **uma experiência a ser vivenciada em grupo**, coletivamente, pois “[...] torna as pessoas capazes de desvendarem e encontrarem o sentido que elas estão dispostas a dar a suas vidas” (Ramos, 2020b, p. 34). O pressuposto teórico do encontro parentético “[...] é que o homem é essencialmente um ser épico; ele não é pré-formado, pré-projetado, pré-constituído. Ao contrário, ele pode sempre formar-se, projetar-se e constituir-se a si mesmo, explorando uma extensão de possibilidades disponíveis a cada momento” (2020b, p. 34). É impossível não recordar nessas passagens a noção de intersubjetividade e da teoria da ação comunicativa habermasiana (Habermas, 2012 [1981]), reforçando a relação possível entre o pensamento de Guerreiro e de Habermas, que foi anteriormente explorada por Serva (1997) e que também inspirou a abordagem freudo-frankfurtiana que desenvolvo no livro *Repensando os Estudos Organizacionais* (Paes de Paula, 2015), fundamentada em metodologias como a pesquisa-ação, ou seja, experiências primordialmente vivenciadas em grupo – “encontros parentéticos”.

Ao abordar o “encontro parentético”, Guerreiro Ramos (2020b, p. 39) também fez referência à filosofia existencialista, em sua vertente pessimista europeia e em sua vertente otimista estadunidense, enfatizando que “o pensamento e o contexto são dialeticamente interdependentes”, ou seja, foi o contexto europeu e o contexto estadunidense que fizeram do existencialismo uma filosofia do desespero ou da esperança, de modo que o

existencialismo permite variações, de acordo com a época e as condições históricas. Mais uma vez, Guerreiro Ramos recorreu ao existencialismo – que anteriormente demarqueei ser uma das fontes de inspiração do seu pensamento (Paes de Paula, 2007) –, mas agora com a intenção de aprofundar sua análise no anunciado livro *O Homem Parentético*.

No texto “O Diagrama Parentético” (2020c [1972]), Guerreiro Ramos elaborou um esquema gráfico que considera que “o presente é história”, na tentativa de apontar possibilidades concretas para as sociedades industriais avançadas.

DIAGRAMA PARENTÉTICO I



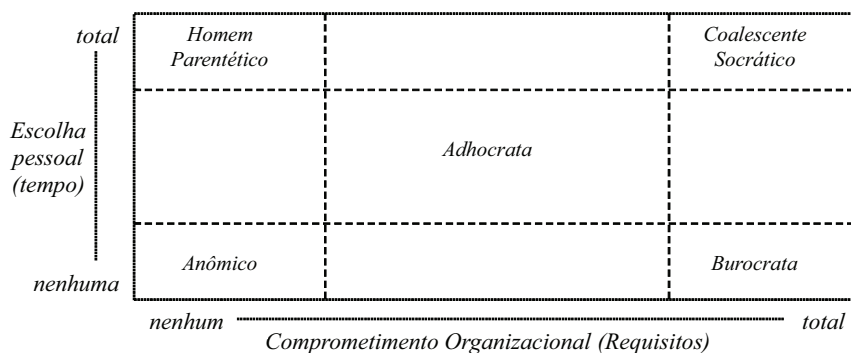
Fonte: GUERREIRO (1972).

- **Anomia:** situação limite de desaparecimento do sistema social, quando os indivíduos vivem enquanto átomos sociais sem propósito.
- **Burocracia:** sistema social onde não há espaço para escolhas pessoais e se exige o cumprimento máximo de demandas organizacionais.
- **Socracia:** sistema social altamente flexível com coerção social mínima e comprometimento social máximo, com alto grau de escolha pessoal.
- **Fenomenarquia:** sistema social avançado que é operado por um indivíduo ou grupo que ao agir convoca as pessoas a compartilharem com eles, implicando no grau mais elevado de escolha pessoal e o menor comprometimento com a organização.

- **Adhocracia:** sistema social situado nos pontos intermédios das linhas que representam graus de escolha pessoal e comprometimento organizacional.

Para Guerreiro Ramos, nas sociedades industriais contemporâneas a anomia, a adhocracia e a burocracia são muito evidentes, enquanto a socracia e a fenomenarquia são latentes e incipientes. Em sua visão, a burocracia entraria em declínio em 20 ou 50 anos e organizações alternativas a ela seriam necessárias.

DIAGRAMA PARENTÉTICO II



Fonte: GUERREIRO (1972).

Guerreiro Ramos (2020c) considerou os conceitos do diagrama autoexplicativos, debruçando-se detidamente no “coalescente socrático” e no “homem parentético”. O coalescente socrático seria participante de um sistema social inteligente, uma vez que qualquer indivíduo poderia iniciar um processo de mudança, dispensando a figura do agente de mudança ou facilitador. Por outro lado, o homem parentético seria “[...] um individualista radical, que, na maior parte do tempo, é deixado a seus próprios empreendimentos criativos” e “[...] faz incursões em espaço que vão além de sua privacidade, tentando envolver-se em experiências significativas de convivalidade em escala ampliada” (Ramos, 2020c, p. 56).

Apesar do caráter de rascunho que esses diagramas apresentam, dado que o próprio Guerreiro Ramos afirma que pretendia aprofundar

a discussão no livro em preparação que se intitularia *O Homem Parentético* (2020d [1973]), eles apontam a direção que o sociólogo pretendia seguir. No esboço desse livro, Guerreiro Ramos percorreu que começaria abordando, nos dois primeiros capítulos, o que considerava uma “visão sociomórfica do homem” e uma “visão existencial de sociedade”, na busca de uma ciência social não positivista. Em seguida, ele discutiria a racionalidade e a existência humana a partir de Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino, abordando também Weber, Mannheim, Voegelin e Habermas, bem como *O comportamento administrativo* de Herbert Simon, para evidenciar como os sistemas, a formulação de políticas públicas e o processo decisório teriam perdido de vista os requisitos genuínos da racionalidade da existência humana. No quarto capítulo, intitulado “Labor, Trabalho e Acumulação do Capital”, ele daria destaque à sociedade de mercado, que com a acumulação de capital sistemática, contínua e autossustentada, faz com que o “comportamento administrativo” se equipare à natureza humana, ou seja, se naturalize entre nós. No capítulo seguinte, “Busca por um modelo de homem”, Guerreiro Ramos pretendia mostrar como vários autores contemporâneos buscaram por um “modelo de homem” – organizacional (Whyte), unidimensional (Marcuse), reativo (Bonner), encapsulado (Royce) dentre outros –, e apresentaria, no capítulo 6, seu modelo de “homem parentético”, para, no capítulo final, evidenciar como esse “modelo de homem” é incompatível com toda forma de elitismo, sendo tanto uma possibilidade concreta quanto uma possibilidade fadada à ruína. O projeto, segundo os tradutores, foi negado por 14 editoras com variadas justificativas, como por exemplo o livro ser “demasiadamente europeu” para o público estadunidense.

Logo, a partir desse percurso dos possíveis “modelos de homem”, Guerreiro Ramos pretendia delinear com mais precisão seu conceito de *homem parentético*. Coincidência ou não, recentemente, antes de ter contato com esse material inédito, apresentei, em parceria com a professora Kettle Duarte Paes, um artigo no *XLII Encontro Anual da ANPAD – EnANPAD 2018*, denominado “Organizações e Modelos de Homem: a exclusão do sujeito nas teorias administrativas” (Paes; Paes de Paula, 2018), no qual abordamos os modelos que aparecem nas teorias administrativas (homem econômico, social, administrativo, organizacional, funcional e complexo), para assinalar que os mesmos se afastam da noção de sujeito. Nossa intenção foi apresentar o conceito de “sujeito político”, movido pela pulsão

anarquista (Zaltzman, 1993), que se caracteriza por ser irreduzível e estar sempre em movimento, buscando a mudança e a liberdade, para fugir de vidas aprisionantes, em uma dialética entre o si mesmo e o coletivo, no que muito se assemelha ao *homem parentético* apontado por Guerreiro Ramos, que é um individualista radical em busca de seus empreendimentos criativos, sem deixar de lado a convivialidade.

Essa breve “jornada parentética” por entre os escritos de Guerreiro Ramos antes desconhecidos, mais uma vez revela e confirma minha identidade com o seu pensamento, pois mesmo sem fazer qualquer referência a ele, prossigo “guerreirando” nos meus próprios textos. Por essa razão, pensei em chamar esse texto alternativamente **porque contínuo sendo uma guerreirista**, mas fiquei questionando se Guerreiro Ramos não me repreenderia pelo uso de um rótulo... De modo, que lanço a seguinte provocação: *Moi, je ne suis pas guerrieriste.*

Referências

- ADORNO, Theodor W. Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã. In: ADORNO, Theodor W. *Textos escolhidos*. Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 1996 [1974]. p. 109-189.
- HABERMAS, J. *Teoria da Ação Comunicativa*. Volumes I e II. São Paulo: Martins Fontes, 2012/1981.
- PAES DE PAULA, Ana P. Guerreiro Ramos: resgatando o pensamento de um sociólogo crítico das organizações. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 14, n. 40, p. 169-188, 2007.
- PAES DE PAULA, Ana P. Ser ou não ser, eis a questão: A crítica aprisionada na caverna de Platão. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, artigo 6, 2009.
- PAES DE PAULA, Ana P. *Repensando os Estudos Organizacionais*. Para uma nova teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: EdFGV, 2015.
- PAES, Kettle D.; PAES DE PAULA, Ana. P. Organizações e Modelos de Homem: a exclusão do sujeito nas teorias administrativas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 42, 2018, Curitiba, PR. *Anais...* Curitiba, PR: ANPAD, 2018, p. 1-16.

- RAMOS, Alberto G. Viagem Parentética I: Fenomenologia e Ciência Social. *Revista Brasileira de Administração Política - REBAP*, v. 13, n. 1, p. 13-24, 2020a.
- RAMOS, Alberto G. Viagem Parentética II – o homem inventa a si próprio ou rumo a uma Teoria do Encontro Parentético. *Revista Brasileira de Administração Política - REBAP*, v. 13, n. 1, p. 25-39, 2020b.
- RAMOS, Alberto G. O diagrama parentético. *Revista Brasileira de Administração Política - REBAP*, v. 13, n. 1, p. 53-57, 2020c.
- RAMOS, Alberto G. Esboço do livro *O Homem Parentético (II)*. *Revista Brasileira de Administração Política - REBAP*, v. 13, n. 1, p. 60-63, 2020d.
- SERVA, Maurício. A racionalidade substantiva demonstrada na prática administrativa. *Revista de Administração de Empresas - RAE*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 18-30, 1997.
- ZALTZMAN, Nathalie. *A pulsão anarquista*. São Paulo: Escuta, 1993.